

Técnica de descarte. Uma análise do comportamento dos indivíduos e a maneira de destinar seus resíduos

Disposal technique. A behavior analysis of individuals and how to allocate their waste

G. R. Leão^{1,*}

¹ Departamento de Recursos Naturais, Ciências e Tecnologia Ambientais, Universidade do Estado de Minas Gerais, João Monlevade - MG, Brasil

*guilherme.meioambiente@gmail.com

Resumo

O objetivo que se apresenta o artigo é de caracterizar um problema de comportamento que atinge os cidadãos brasileiros quanto à destinação do resíduo gerado e de identificar uma compreensão social geral para essa especificidade. Analisa os motivos pelos quais esse comportamento ainda é mantido, mesmo com tantas informações a respeito dos prejuízos ambientais causados por atitudes negativas. A diferença entre as pessoas que se preocupam com a natureza e aquelas que pouco se importam pode estar relacionada a vários fatores como: cultura, escolaridade e educação familiar. Cada indivíduo tem uma forma particular de tratar e descartar o resíduo produzido. Dessa forma surgem algumas questões como: por que grande parte da população se preocupa com o meio ambiente, mas simplesmente não atua a favor dele? Como o comportamento que prejudica o ambiente natural pode ser modificado para outro que o preserve? A educação pode ser a resposta, já que é um fator determinante na transformação do indivíduo, e só ela é capaz de agir positivamente em atos comportamentais negativos enraizados na sociedade. Por isso, esse trabalho descreve que a Educação Ambiental pode contribuir para a diminuição de atitudes que impactam negativamente o meio ambiente, através do desenvolvimento de atitudes significativas nos indivíduos, despertando assim, o lado crítico, social e participativo do cidadão.

Palavras-chave: Resíduo. Comportamento. Educação Ambiental.

.....

This article aims to typify a behavior problem which affects the Brazilian citizens regarding the final disposal of the waste generated and of identifying a general social understanding to this particularity. Analyze the reasons in which this behavior is still maintained even with a lot of information concerning the environmental damages caused by negative attitudes. The difference between the people who worry about the nature and the ones who do not care can be related to several factors, such as: culture, school background and family education. Each individual has a proper way to process and dispose the waste produced. Therefore questions have been raised: Why does a big part of the population worry about the Environment, but do not act in favor of it? How can this behavior of damaging the natural environment be modified by another who preserves? The education can be the answer since it is a key factor in the individual transformation, and only it is able to act positively in negative behavior implanted in society. Thereupon, this study describes that the Environmental Education can contribute to the decrease of attitudes that negatively impact the Environment through the development of meaningful attitudes in the individuals arousing the critical, social and participative side of the citizen.

Keywords: Waste. Behavior. Environmental Education.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo que se apresenta o artigo é de caracterizar um problema de comportamento que atinge os cidadãos brasileiros quanto à destinação do lixo gerado, de identificar uma compreensão social geral para essa especificidade, além de descrever por qual razão as pessoas jogam seus resíduos nas ruas, alterando e poluindo o meio ambiente. Por que grande parte da população se preocupa com o meio ambiente, mas simplesmente não atua a favor dele? Como o comportamento que prejudica o ambiente natural pode ser modificado para outro que o preserve? Essas indagações expõem um problema que deve ser enfrentado; para isso, a educação ambiental, seja no meio formal ou informal, pode e deve ser praticada, para que assim, a sociedade possa conviver em um ambiente mais sadio e o meio natural permaneça em equilíbrio.

A modificação do ambiente natural é evidente. Espaços e lugares que antes permaneciam livres dos acúmulos dos resíduos - tendo certa estabilidade - hoje se destacam com grandes alterações como desmatamento, queimadas, excesso de poluentes atmosféricos oriundos de veículos e indústrias. Nos ambientes urbanos, onde a poluição residual é evidente, o assoreamento dos rios e a impermeabilização do solo causam enchentes e enormes prejuízos ambientais, econômicos e sociais.

Tais transformações acentuaram-se após o período da industrialização ou Revolução Industrial. À medida que a economia crescia, a natureza sofria alterações em todas as vias, água, ar e solo, e esta alteração perdura até os dias atuais. A este respeito [Dias \(2004, p.379\)](#) salienta que:

Nossa irresponsabilidade em relação às redes interdependentes da vida – mais os danos ambientais causados por desflorestamentos, diminuição de espécies e mudanças climáticas – podem causar vários efeitos adversos, incluindo colapsos imprevisíveis de sistemas biológicos críticos, cujas interações e dinâmicas só entendemos imperfeitamente. A incerteza quanto à extensão desses efeitos não deve servir de desculpa para a complacência ou retardamento em enfrentar essas ameaças.

O presente estudo se justifica, já que o volume e a velocidade com que se alteram e destroem os sistemas naturais da Terra são extremamente superiores à capacidade que o indivíduo possui de modificar seus comportamentos culturais e sociais. Acrescenta-se a isso o fato de que é praticamente imperceptível como as possíveis atitudes positivas podem causar impactos nos ambientes, pois elas são pontos muito isolados quando se observa a sociedade como um todo. Partindo desse pressuposto, [Dias \(2004, p.17\)](#) evidencia:

É óbvio que houve conquistas, mas estas estão sendo insuficientes para provocar as mudanças de rumo que a velocidade de degradação ambiental requer. A velocidade com a qual se devastam e se desequilibram os sistemas que asseguram a sustentabilidade humana na Terra continua infinitamente superior à nossa capacidade de gerar respostas adaptativas culturais, principalmente em nível educacional.

A culpabilidade por toda modificação ambiental que está ocorrendo é eximida por muitos, porém é preciso entender que a responsabilidade deve ser repartida entre todos: os países desenvolvidos, em desenvolvimento e subdesenvolvidos, as indústrias, o poder público e todos os cidadãos de forma geral.

A legislação nos mostra que o resíduo não é mais responsabilidade do poder público, mas passa a fazer parte do compromisso de todos, quem produz, transporta, vende e compra. O cidadão passou a ter sua parcela de responsabilidade nos resíduos que produz, portanto é ele quem deve direcionar seus resíduos para local apropriado.

A esse respeito, a Lei Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, na Seção II, Art. 30 (BRASIL, 2012) declara que:

É instituída a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos, a ser implementada de forma individualizada e encadeada, abrangendo os fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes, os consumidores e os titulares dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos, consoante as atribuições e procedimentos previstos nesta Seção.

Quem colabora de maneira ativa e negativa não são as instituições, como as indústrias, mas sim as pessoas que nelas trabalham, entretanto essas corporações acabam por se responsabilizar, pois compete a elas administrar toda a logística de proteção e preservação ambiental.

2 COMPORTAMENTO E DANO AMBIENTAL

Homens, mulheres e crianças se adaptam a comportamentos transmitidos por gerações, incorporando, através do exemplo, maneiras de falar, andar, agir e comer, e tomando para si características peculiares ou específicas de determinados grupos em que estão inseridos.

Em se tratando desse comportamento, Mauss (2009, p. 404) esclarece:

Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam, sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição.

Um exemplo de postura a ser observada é o modo como um soldado inglês ou russo marcha, pois é bem peculiar os ombros alinhados, o nariz empinado, os olhos fixos, a maneira de levantar as pernas, etc. Essas características ou métodos são incorporados no momento da aprendizagem quando o recruta se alista no Exército.

Podemos diferenciar a marcha dos soldados por região, e para isso se faz necessária à observação. A forma como cada grupo militar se porta durante a marcha pode nos mostrar a qual região pertence ou mesmo qual foi sua influência, já que cada grupo/academia possui sua particularidade e incorpora sua própria maneira de marchar.

Outro exemplo de como um modelo interfere no comportamento do indivíduo é o tabagismo. Por anos, o hábito de fumar tornou homens e mulheres pessoas mais atraentes quando acendiam um cigarro. O sexo oposto era atraído pelo gesto de puxar o maço do bolso, a maneira de retirar o cigarro, a forma como era aceso, o tipo de isqueiro usado e o charme na hora de puxar, tragar e soltar a fumaça.

Somente anos mais tarde, pesquisas vieram desmistificar essa atitude demonstrando o real efeito do tabagismo, ou seja, seus malefícios à saúde. Houve grande mobilização

para que fossem tomadas atitudes mais severas contra o tabagismo, como a proibição de comerciais e impressão, nas caixas de cigarro, de imagens que incentivassem o ato de fumar. Campanhas educativas explicitaram o quão prejudicial poderia ser para a saúde o vício do cigarro. Foram necessárias décadas para que o número de fumantes diminuísse.

Todavia, muitos danos já estavam efetivados, várias pessoas adquiriram o vício pelo cigarro ainda jovens, ludibriadas pela falsa impressão de poder e superioridade. E, dessa maneira, crianças e jovens, ao verem outras pessoas fumando, acabavam sendo atraídas para o mesmo hábito, em busca de aceitação social, prazer e bem-estar.

[Mauss \(2009\)](#) descreve as várias formas de se fazer a mesma ação, porém diferenciada pela técnica, explicitando como um mesmo ato pode se dar de diferentes formas.

Cada indivíduo possui uma maneira peculiar de tomar banho, alguns começam a lavar a cabeça, depois, as orelhas; outros, porém, começam pelo pé, seguindo para os braços, e outras técnicas diferentes a fim de se obter a mesma finalidade: deixar o corpo higienizado.

Neste enfoque [Mello \(2011, p. 63\)](#) destaca que:

É possível dizer que há, também, escolhas culturais, já que nem todos os povos, vivendo em um mesmo clima e vegetação, dão respostas idênticas aos mesmos problemas da vida social.

Essa diferenciação das técnicas individuais origina-se na forma como foram assimiladas, por meio dos ensinamentos transmitidos pelas mais variadas fontes de informação, como os pais, a família, a escola, as crenças, as convivências ou observação das técnicas de outras pessoas, ou seja, o comportamento do indivíduo é adquirido por intermédio da aprendizagem, é a aprendizagem por imitação.

[Duarte \(2008, p.20\)](#) define imitação como: “o uso intencional da ação de outro para servir de guia a uma atividade própria, orientada a um objetivo.”. A autora complementa:

As principais questões subjacentes a esta longa e histórica polêmica parecem reportar-se, em síntese, a três distinções: quando a imitação é consciente ou inconsciente (reação); quando e como ela deixa de ser uma reprodução exata do modelo e passa a promover uma ação inteligente, isto é, passa a ser associada, estendida, modificada durante as novas situações com as quais o sujeito imitador defronta-se; e finalmente, distingue-se pelo aspecto que vai nos interessar especialmente aqui: o tempo correlacional entre a ação do modelo e a realização do ato de reprodução da ação pelo imitador.

Uma das formas de aprendizagem se dá pela observação e imitação do outro, ou seja, de um modelo. Dessa forma, o processo de socialização passa, necessariamente, pela observação, imitação e identificação com os modelos sociais.

Partindo deste pressuposto, pode-se observar como as pessoas comportam-se diante do resíduo por elas produzido. Numa situação hipotética: uma criança tira o papel de uma bala para chupar, e o que ela faz com ele? É possível presumir dois comportamentos: jogar no chão ou guardar para jogar em uma lixeira.

Neste mesmo enfoque, pode-se citar como outro exemplo um adulto que anda na calçada com um copo de suco: após tomá-lo, o que ele faz com o copo plástico? Aqui também é possível prever tipos de comportamento, como jogar no chão, ficar com ele

na mão e esperar até encontrar uma lixeira, guardar na mochila para descartar em local apropriado, etc.

Percebe-se que várias atitudes podem ser tomadas em relação ao resíduo produzido. A questão é: o que leva as pessoas a terem posturas diferentes quanto ao seu descarte?

São muitos questionamentos e a técnica corporal do indivíduo pode nos trazer melhor compreensão diante deles. A respeito de técnicas corporais [Mauss \(2009, p. 407\)](#) esclarece:

Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição.

A técnica do corpo corresponde à maneira como os homens utilizam seus corpos na sociedade, ou seja, sua maneira de andar, sentar, correr, falar, olhar ou o gestual das mãos, dos braços, ombros, etc. Essas atitudes não são aleatórias, mas caracterizam determinada sociedade, identificando-as, abrangendo, no âmbito do corpo, uma marca capaz de estabelecer distinção entre aqueles que fazem parte ou não de determinada sociedade.

[Rodrigues \(2000, p.132\)](#) comunga da mesma ideia sobre as técnicas corporais quando afirma:

Ao abordar a educação do corpo sob tal perspectiva, teremos como ponto de partida a antropologia maussiana, que nos instiga a observar o uso do corpo como uma educação de técnicas, que são construídas como resultado das relações entre o homem e a sociedade. É assim que essa perspectiva antropológica apresenta-nos um instigante campo de pesquisa, capaz de analisar as técnicas do corpo como um fato social, fruto das condições estruturais de uma sociedade, mais propriamente de uma cultura, determinantes no direcionamento do uso técnico do corpo.

Exemplos observados no cotidiano e que transformam a vida são assimilados e passam a fazer parte do indivíduo até que ele aprenda novamente e incorpore outras maneiras de se portar no ambiente. A esse respeito, [Mello \(2011, p. 38\)](#) esclarece que:

Todos, queiramos ou não, somos “educados” nas várias instâncias da vida, ou seja, a educação em sentido amplo não prescinde de um locus específico para ocorrer. Somos educados em casa, na família, com os amigos, no clube, no trabalho e nos movimentos de que participamos, como religioso, o sindical ou os movimentos sociais.

É visível que, em grandes centros urbanos, as pessoas simplesmente jogam em locais inapropriados seu papel de bala, sua garrafa plástica ou o seu resto de alimento, trazendo a poluição como consequência para o ambiente.

O ato de descartar de maneira inadequada o resíduo produzido traz ao próprio homem consequências desastrosas. As enchentes que acometem as zonas urbanas são, em grande parte, um reflexo do comportamento de “simplesmente jogar o resíduo na rua”. Esse resíduo, quando não recolhido a tempo, entope os bueiros, fazendo com que a água das ruas fique sem escoamento. Isso resulta em perdas de ordem material, como móveis, eletrodomésticos, documentos, casa, carro, entre tantos outros pertences adquiridos

através de muito trabalho; e de ordem emocional, visto que muitos dos que perderam tudo demoraram anos ou até mesmo “uma vida inteira para adquirir” seus bens e, então, sentem-se derrotados. Ou seja, além do desequilíbrio ambiental e prejuízo econômico, há também uma perda social.

É evidente que todos querem se livrar dos resíduos gerados, e o que difere as pessoas é a forma como é realizado esse descarte, se é de uma maneira correta e ecológica ou significa simplesmente dispensar em algum lugar, sem se pensar no destino e nos seus resultados para a sociedade.

Se perguntarmos as consequências para o ambiente quando um bueiro entope, por certo grande parte da população iria responder corretamente que a água das chuvas não conseguiria escorrer e provavelmente haveria uma enchente. Mas se existe a informação e o conhecimento sobre a consequência negativa da atitude tomada pelo indivíduo, por que ainda se continua a agir da mesma forma?

O hábito adquirido ao longo dos anos, o de jogar o resíduo no chão, torna-se tão automático que, mesmo quando estes indivíduos decidem mudar suas práticas, o costume incorporado por vezes sobressai, e estes acabam por cometer a atitude repetidamente, mesmo cientes das consequências negativas que tal ato acarretará.

A forma como jogam o resíduo e como aprenderam a fazer isso, seja por meio do exemplo, do estudo ou da informação, é o que diferencia os cidadãos, pois vai refletir em seu comportamento diante do mesmo objeto: o resíduo. O que se pode observar é que, mesmo com o conhecimento sobre a maneira correta de direcionar seu material, a forma ou técnica aprendida anteriormente pelo indivíduo é enraizada em seus costumes, fazendo com que o processo de troca da técnica necessite de um tempo maior.

O costume de “jogar na rua” leva a pensar que é algo natural, ou seja, despeja-se na rua automaticamente o material. Acaba por ser um “gesto impensado.” Mas se as pessoas pensam, e é isso que as intitula como seres racionais, logo não deveriam ter esse comportamento. Assim é a forma de descartar o resíduo atualmente.

Se pensarmos em uma época há 40 anos, perceberemos que não havia tanta preocupação com os resíduos como hoje, nem com seu descarte adequado, pelo menos para a grande maioria. Mesmo porque não possuíamos um volume exorbitante de materiais, não havia os excessos de consumo e os produtos eram mais duráveis. Há também o fator do crescimento populacional: quanto mais pessoas, maior é a demanda, o consumo e consequentemente a produção do resíduo.

Em se tratando de consumo exagerado, [Dias \(2004, p. 19\)](#) conclui: “um mundo repleto de sociedades que consomem mais do que são capazes de produzir e mais do que o planeta pode sustentar *é uma impossibilidade ecológica*.”

O procedimento que as pessoas utilizam para rejeitar o resíduo não pode ser considerado inato, não pode ser simplesmente natural. Se os militares aprenderam a marchar e jovens a fumar, as pessoas aprenderam a jogar o resíduo no chão.

Neste enfoque, a maneira como cada indivíduo realiza o descarte do resíduo também sofre variação. Esta variação comportamental ocorre por vários fatores, assim, [Michaliszyn \(2008, p. 53\)](#) explica:

Não podemos perder de vista o fato de que a cultura e a nossa formação cultural interferem em diferentes aspectos de nossas vidas. Porém, ela não pode ser compreendida como único fator a nos influenciar. Na

verdade, nossos comportamentos, crenças e juízos em sociedade também são determinados por determinadas condições, ou seja, por fatores: individuais, educacionais, socioeconômicos e ambientais.

Diante de tais considerações, pode-se dizer que o ato de descartar resíduo em ambiente inapropriado é uma postura adquirida através dos ensinamentos transmitidos ao longo das gerações.

3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA

O grande problema que afeta a sociedade moderna é a falta de cidadania, ou seja, a individualidade das pessoas faz toda a diferença, seja ela de forma negativa, seja positiva. O ponto a ser destacado é que a grande maioria das pessoas preocupa-se mais consigo mesma do que com a sociedade como um todo. Estão mais centradas nas suas necessidades e em seus confortos e, diante disso, esquecem que algumas atitudes possuem ligação direta com a sociedade, provocando nela uma alteração.

Nesta perspectiva, faz-se necessária uma mobilização em busca da conscientização coletiva para que as práticas negativas e ultrapassadas passem por uma ordem de mudança, a fim de serem minimizadas no cotidiano do cidadão.

A educação significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. Ela também vai se desenrolando por meio de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo da sua vida.

A este respeito, [Justino \(2011, p. 14\)](#) esclarece que: “a educação está inserida num contexto mais amplo, no qual existem vários envolvidos no processo de aprendizagem além do conteúdo, do professor e do aluno.”. Ela é, em todos os seus níveis, o ponto transformador do indivíduo, e pode interferir diretamente no comportamento do cidadão, logo também em suas técnicas corporais.

Dessa forma, é possível que atos de descarte incorretos podem ser substituídos por práticas adequadas de eliminação do resíduo. Porém, esse processo deve ser incorporado ao cotidiano das pessoas e transmitido às próximas gerações para que as crianças possam tornar-se multiplicadoras. E a forma mais adequada para que esse processo ocorra é a Educação.

Segundo [Freire, Nascimento e Silva \(2006\)](#), a Educação Ambiental é uma modalidade do processo educativo voltada para a participação de seus atores, educandos e educadores, na construção de um novo paradigma a ser incorporado, trazendo toda uma discussão sobre as questões ambientais e as necessárias transformações éticas, de valores, comportamentos e atitudes diante de uma nova realidade a ser construída.

Para tanto, a Educação Ambiental deve formar nos indivíduos uma ampla consciência crítica na interação que as relações sociais possuem com o meio ambiente. Ela deve produzir o reconhecimento dos atores sociais, construindo neles valores que possibilitem o entendimento da realidade em que vivem, de modo que possam atuar na natureza de forma empoderada e ativa, em um procedimento de construção de valores ([LOUREIRO, 2003](#)).

A esse respeito, [Loureiro \(2003, p. 106\)](#) ainda esclarece que:

...a educação ambiental emancipatória pretende, como diz o próprio nome, ampliar os espaços de liberdade de indivíduos e grupos que dela participam, transformando as situações de dominação e sujeição a que estão submetidos através da tomada de consciência de seu lugar no mundo, de seus direitos e de seu potencial para recriar as relações que estabelece consigo próprio, com os outros em sociedade e com o ambiente circundante.

Neste enfoque, [Dias \(2004, p. 16\)](#) destaca:

Em nenhum período conhecido da história humana, ela precisou tanto de mudança de paradigma, de uma Educação renovadora, libertadora. Mais do que produzir painéis solares mais baratos, reciclar e dotar os carros de células de combustível, em vez de petróleo, precisamos de um processo mais complexo, que promova o desenvolvimento de uma compreensão mais realista do mundo.

O papel da Educação Ambiental, nesse contexto, torna-se mais urgente. Precisamos oferecer mais formação. A educação ainda “treina” a (o) estudante para ignorar as consequências ecológicas dos seus atos.

Porém, a proposta que a Educação Ambiental oferece ainda não representa uma força suficiente para interferir nesse movimento e modificar a sua trajetória de desestabilização. Mesmo porque sua influência, apesar do seu avanço, ainda é questionada, já que existem muitos impedimentos para sua atuação, como os hábitos culturais dos povos, hábitos estes que impõem limites para mudança de comportamento. [Michaliszyn \(2008, p. 41\)](#) esclarece:

O comportamento social é o resultado da maneira como organizamos as relações sociais que estabelecemos e das regras de conduta e valores por nós determinados e considerados como elementos fundamentais para a construção da vida social, econômica e política.

[Guimarães \(2000, p. 28\)](#) afirma que há uma “necessidade de propor-se uma Educação Ambiental crítica que aponte para as transformações da sociedade em direção a novos paradigmas de justiça social e qualidade ambiental.” A Educação Ambiental deve ser praticada de fato em toda a sociedade, uma vez que já se encontram em discussão problemas ambientais vivenciados por esta.

É necessário levar em conta que comportamentos adquiridos tornam-se enraizados, e por vezes, é preciso modificá-los, porém essa transformação requer tempo para florescer.

Assim, para que tal mudança possa efetivamente acontecer, não se pode simplesmente transmitir conhecimentos. É preciso incorporá-los ao cotidiano das pessoas para que, assim, possam ser assimilados.

Para que se torne efetiva, a aprendizagem deve ter significado. Neste enfoque, [Salles \(2007\)](#) explica que a aprendizagem significativa “se dá quando uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura do conhecimento do indivíduo.”

Uma metodologia eficaz para transmissão de conhecimento ou de comportamento é o exemplo, que, por meio das ações explicitadas pelo gesto ou pela linguagem corporal, pode modificar o comportamento alheio.

A absorção de comportamentos dá-se por intermédio de determinados ensinamentos. O mais velho ensina o mais novo, por meio de livros, diálogos e debates, meios de

comunicação como cartazes, folhetos, guias, pela internet, entre vários outros meios de se adquirir o conhecimento. Salles (2007, p. 38) continua: “para que ocorra aprendizagem significativa, é preciso haver subsunções (conceitos preexistentes), os quais por sua vez necessitam do processo de ancoragem.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os hábitos das pessoas podem variar muito: entre participantes do mesmo grupo, nos ambientes familiares, na sociedade, no processo educativo, de acordo com a necessidade, com a convivência, moda, etc.

E dentre essas diferenças, percebe-se que existem especificidades das técnicas, pois cada sociedade possui seus hábitos e peculiaridades, características que as definem e as diferenciam de outras.

O conhecimento produzido é passado de geração a geração pelos membros mais experientes da família, da comunidade ou seja do ensino informal e também no ensino formalizado escolar. Nessas condições, nota-se que a criança aprende por meio da observação e imitação dos exemplos de outras pessoas e faz com que este conhecimento apreendido seja incorporado em seu cotidiano.

Deve-se ter em mente que não são somente as crianças que aprendem por meio da observação e imitação, os adultos também passam por este estágio, porém para os pequenos esta assimilação é um processo mais fácil. É necessário o ensino às crianças de maneira efetiva, já que elas possuem uma faculdade de imitação muito grande. Esse ato imitador pode ser incorporado de maneira ágil, diferenciando-as, de maneira geral, dos adultos com seus velhos hábitos.

A educação é um fator determinante na transformação do indivíduo. Só ela é capaz de agir positivamente em atos comportamentais negativos enraizados na sociedade. Entretanto, para que a aprendizagem torne-se eficaz, é importante que ela tenha real significado para o sujeito.

O método educacional não pode se restringir apenas à instituição escolar e à família, ele deve ser realizado em todo o processo pelo qual o indivíduo interage, ou seja, na sociedade em que ele está inserido.

Quando se fala em Educação Ambiental, deve-se comungar do mesmo pensamento. Atitudes positivas em relação ao meio ambiente, como o descarte correto do resíduo, podem e devem ser apreendidas no cotidiano das crianças por meio da imitação. Quando um adulto tem posturas favoráveis em seus hábitos, esses são assimilados naturalmente pelas crianças, logo elas os colocam em prática em seu cotidiano, favorecendo o todo.

O homem possui o poder de transformar a sua realidade e, conseqüentemente, a de toda uma sociedade, mas, para isso, faz-se necessário que ele tenha contato com novas possibilidades, que alterem sua concepção original.

Por fim, questões ambientais devem ser incorporadas ao cotidiano profissional e familiar, de forma a repensar conceitos e atitudes que influenciem o meio. A Educação Ambiental tem a chave para demonstrar às pessoas qual tipo de comportamento é necessário para proteger a natureza em toda a sua ampla manifestação. Porém, há que se superar a mera transmissão de conhecimentos ecologicamente corretos e as ações de sensibilização, rompendo as armadilhas paradigmáticas e propiciando, não apenas aos educandos e aos

educadores, mas também a todos os indivíduos, uma cidadania ativa e positiva na sociedade. Ela deve suscitar o desenvolvimento de atitudes significativas e participativas nos indivíduos, despertando, assim, nos integrantes dos projetos e das atividades, o lado crítico e social do cidadão.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010.** Política nacional de resíduos sólidos [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 73 p. (Série legislação). Disponível em: <http://fd.com.br/catadores/pdf/politica_residuos_solidos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental:** princípios e práticas. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DUARTE, M. L. B. A imitação sensório-motora como uma possibilidade de aprendizagem do desenho por crianças cegas. **Ciências & Cognição**, v. 13, p. 14–26, 2008. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v13_2/m318226.pdf>. Acesso em: 12 out. 2014.

FREIRE, J. T.; NASCIMENTO, M. F. F.; SILVA, S. A. H. **Diretrizes Curriculares de Educação Ambiental:** as escolas da Rede Municipal de Ensino de Salvador. 1. ed. Salvador: SMEC, 2006. 164 p.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental:** No consenso um embate? 1. ed. Campinas: Papirus, 2000.

JUSTINO, M. N. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes.** 1. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

LOUREIRO, C. F. B. **Cidadania e meio ambiente.** [S.l.]: Centro de Recursos Ambientais – CRA, 2003. v. 1. 168 p. (Série Construindo os Recursos do Amanhã, v. 1).

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: CosacNaify, 2009.

MELLO, A. **Fundamentos sócio-culturais da educação.** 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

MICHALISZYN, M. S. **Educação e Diversidade.** 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

RODRIGUES, R. Sociedade, corpo e interdições: contribuições do estudo de marcel mauss sobre as técnicas do corpo. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 0, n. 4, p. 129–140, jan/jun 2000. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CEEQFjAD&url=http%3A%2F%2Ffefnet178.fef.unicamp.br%2Fojs%2Findex.php%2Ffef%2Farticle%2Fdownload%2F308%2F253&ei=vlpKVPjFA4-6ggTetoLoBw&usg=AFQjCNGTIF32hmXPPRhVwuo9D8P6qWFCQ&sig2=E5s2KKlJdsMFgh5X3gk3w>>. Acesso em: 12 out. 2014.

SALLES, G. D. **Metodologia do Ensino de Ciências Biológicas e da Natureza**. 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.